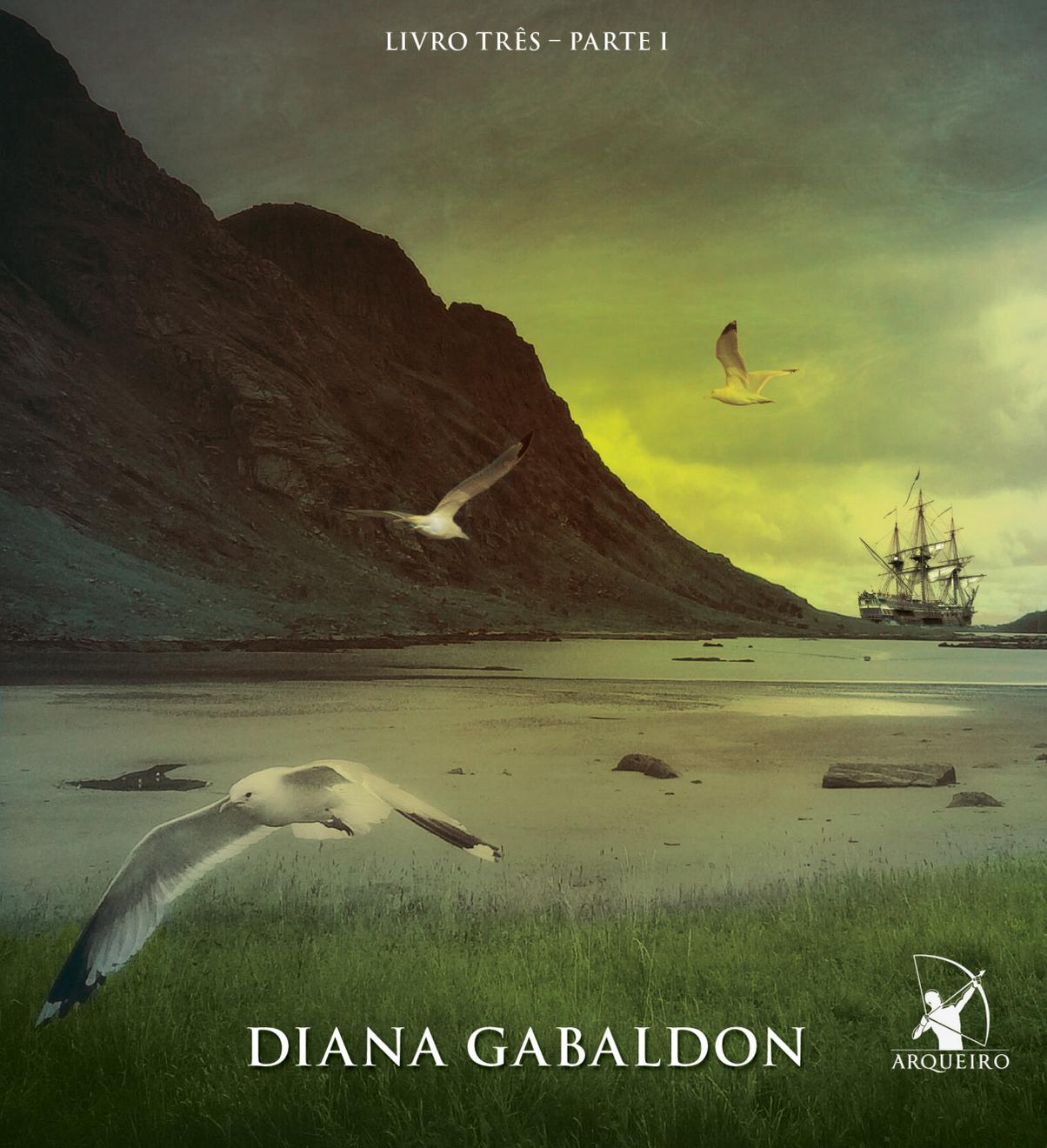


E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

O RESGATE NO MAR

LIVRO TRÊS – PARTE I



DIANA GABALDON





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*A meus filhos  
Laura Juliet,  
Samuel Gordon  
e Jennifer Rose,  
que me deram o coração, o sangue e os ossos deste livro.*

## PRÓLOGO

Quando eu era criança, nunca gostei de pisar em poças. Não temia minhocas ou meias molhadas; eu era, de um modo geral, uma criança levada, com uma abençoada indiferença a imundícies de qualquer espécie.

Era porque eu não conseguia acreditar que aquela superfície perfeitamente lisa fosse apenas uma fina lâmina de água sobre solo firme. Eu acreditava tratar-se de um portal para algum espaço insondável. Às vezes, vendo as minúsculas ondulações na água causadas pela minha aproximação, eu imaginava a poça incrivelmente profunda, um mar abismal onde se ocultavam tentáculos preguiçosamente enroscados e escamas reluzentes, com a ameaça silenciosa de corpos imensos e dentes afiados à deriva nas profundezas sem fim.

Em seguida, olhando para o reflexo na água, eu podia ver meu próprio rosto redondo e os cabelos crespos contra uma expansão azul e uniforme. Pensava, então, que a poça fosse um portal para outro céu. Se eu pisasse ali, cairia de imediato, e continuaria caindo, indefinidamente, pelo espaço azul.

A única hora em que ousava atravessar uma poça era ao crepúsculo, quando as estrelas começavam a surgir. Se eu olhasse dentro da água e visse ali o reflexo de um pontinho cintilante, poderia passar sem medo, chapinhando água para todos os lados — porque se eu caísse na poça e dentro do espaço, eu poderia agarrar-me à estrela na queda e me salvar.

Mesmo agora, quando vejo uma poça em meu caminho, minha mente hesita — ainda que meus pés não o façam —, depois dispara, deixando para trás apenas o eco do pensamento.

E se desta vez você cair?

# PARTE I

## Guerra, e os amores dos homens



## O BANQUETE DOS CORVOS

Muitos chefes de clã das Terras Altas lutaram,  
Muitos cavalheiros tombaram.  
A própria morte era comprada a um preço alto,  
Tudo pela lei e pelo rei da Escócia.  
— “Você não vai mais voltar?”

*16 DE ABRIL DE 1746*

Ele estava morto. No entanto seu nariz latejava dolorosamente, fato que considerou estranho perante as circunstâncias. Embora depositasse grande confiança na sabedoria e clemência de seu Criador, alimentava aquele resíduo de culpa primordial que fazia todos os homens temerem a possibilidade do Inferno. Ainda assim, tudo que já ouvira sobre o Inferno fazia-o julgar improvável que os tormentos reservados a seus infelizes habitantes pudessem se restringir a um nariz machucado.

Por outro lado, aquilo não podia ser o Céu, por diversos motivos. Primeiro, ele não merecia. Segundo, não parecia ser o Céu. E terceiro, duvidava que as recompensas dos abençoados incluíssem um nariz quebrado, da mesma forma que os castigos dos amaldiçoados não deviam incluí-lo.

Embora sempre tivesse imaginado o Purgatório como um tipo de lugar cinzento, a fraca luz avermelhada, que nada iluminava ao seu redor, parecia adequada. Sua mente clareava-se aos poucos e a capacidade de raciocinar retornava, ainda que devagar. Alguém, pensou um pouco irritado, devia atendê-lo e dizer-lhe exatamente qual era sua sentença, até ele ter sofrido o suficiente para ser purificado e, por fim, entrar no Reino dos Céus. Não sabia ao certo se esperava um anjo ou um demônio. Não fazia a

menor ideia dos requisitos de recrutamento do Purgatório; o assunto não fora tratado pelo mestre-escola em sua época.

Enquanto aguardava, começou a fazer um inventário de todos os outros tormentos que foi obrigado a suportar. Havia inúmeros cortes, arranhões e contusões aqui e ali; além disso, tinha quase certeza de que quebrara o dedo anular da mão direita outra vez — era difícil protegê-lo, da forma como se projetava, rígido, com a junta endurecida. Mas nada disso era muito grave. O que mais?

*Claire.* O nome cortou seu coração como uma faca, provocando uma dor mais torturante do que qualquer sofrimento que seu corpo já havia suportado.

Se ainda tivesse um corpo real, tinha certeza de que se contorceria de tanta agonia. Sabia que seria assim, quando a enviou de volta pelo círculo de pedras. A angústia espiritual podia ser a condição no Purgatório e ele sabia o tempo inteiro que a dor da separação seria seu maior castigo — suficiente, pensou, para compensar qualquer pecado que já tivesse cometido: inclusive assassinato e traição.

Não sabia se as pessoas no Purgatório tinham permissão para rezar ou não. Assim mesmo, tentou. *Senhor, rezou, que ela esteja a salvo. Ela e a criança.* Tinha certeza de que ela conseguira chegar ao círculo; grávida de apenas dois meses, ainda era leve e ágil — e a mulher mais obstinada e determinada que ele já conheceria. Mas se ela conseguira realizar a perigosa transição de volta ao lugar de onde viera — deslizando precariamente por quaisquer que fossem as misteriosas camadas do tempo, totalmente à mercê das garras da rocha — isso ele jamais saberia. Esse pensamento era suficiente para fazê-lo esquecer até do latejamento em seu nariz.

Retomou seu inventário dos danos físicos e ficou desconcertado com a ausência de sua perna esquerda. As sensações terminavam no quadril, com uma espécie de formigamento na extremidade. Provavelmente iria recuperá-la no devido tempo, quando finalmente chegasse ao Céu ou, no mínimo, no dia do Juízo Final. Além disso, seu cunhado Ian arranjava-se muito bem com a perna de pau que usava em substituição à sua perna perdida.

Ainda assim, sua vaidade estava ferida. Ah, devia ser isso; uma punição destinada a curá-lo do pecado da vaidade. Enrijeceu o maxilar men-

talmente, determinado a aceitar qualquer punição que lhe fosse destinada com bravura e com toda a humildade possível. No entanto, não pôde deixar de levar a mão (ou o que quer que fosse sua mão) abaixo, tateante e exploratória, para ver onde o membro agora terminava.

A mão encontrou algo rígido e os dedos misturaram-se a pelos enroscados e úmidos. Sentou-se abruptamente e, com algum esforço, rompeu a camada de sangue seco que colara suas pestanas. A memória voltou de repente e ele soltou um urro. Estava enganado. Aquilo era o inferno. Mas James Fraser, afinal de contas, não estava morto.

O corpo de um homem jazia sobre o seu. O peso morto esmagava sua perna esquerda, explicando a ausência de sensibilidade. A cabeça, pesada como uma bala de canhão, pressionava seu abdômen, o rosto para baixo, os cabelos úmidos e escuros derramando-se sobre o linho molhado de sua camisa. Empertigou-se bruscamente, num pânico repentino; a cabeça rolou para o lado em seu colo e um olho semiaberto encarou-o, cego, por trás das mechas de cabelo que lhe cobriam o rosto.

Era Jack Randall, seu belo casaco vermelho de capitão tão escuro da chuva que quase parecia preto. Jamie fez um movimento desajeitado para afastar o corpo, mas constatou que estava surpreendentemente fraco; sua mão, frouxa, segurava o ombro de Randall e o cotovelo de seu outro braço cedeu de repente, quando tentou apoiar-se. Viu-se de novo estatelado de costas, o céu esbranquiçado de chuva e neve girando vertiginosamente acima. A cabeça de Jack Randall movia-se de modo repulsivo para cima e para baixo sobre sua barriga a cada respiração.

Apoiou-se no solo encharcado — a água molhava seus dedos e empapava as costas de sua camisa — e, contorcendo-se, virou-se de lado. Um pouco de calor ficara entre eles. Quando o flácido peso morto escorregou para o chão, a chuva enregelada atingiu sua pele, agora exposta como o choque de um soco, e ele tremeu violentamente com o frio inesperado.

Enquanto se revirava no solo, lutando contra as pregas amarrotadas e sujas de lama de seu kilt, pôde ouvir sons acima do lamento fúnebre do vento de abril; gritos distantes, gemidos e lamentações, como apelos de

fantasmas. E, acima de tudo, os grasnidos roucos dos corvos. Dezenas de corvos, a julgar pelo barulho.

Que estranho, pensou vagamente. Os pássaros não deveriam estar voando numa tempestade como essa. Um puxão final libertou o xale debaixo dele, e ele o estendeu sobre o corpo. Quando se esticava para cobrir as pernas, viu que seu kilt e sua perna esquerda estavam encharcados de sangue. A visão não o perturbou; pareceu-lhe apenas curiosa, as manchas vermelho-escuras em contraste com o verde-acinzentado das plantas da charneca ao seu redor. Os ecos da batalha esvaíram-se de seus ouvidos e ele deixou Culloden entregue aos grasnidos dos corvos.

Foi acordado muito tempo depois com os gritos de alguém que chamava seu nome.

— Fraser! Jamie Fraser! Está aqui?

Não, pensou atordoadamente. Não estou. Onde quer que tivesse estado enquanto encontrava-se inconsciente, era um lugar melhor do que este. Jazia num pequeno declive, parcialmente cheio de água. A mistura de chuva e neve parara, mas não o vento; ele sibilava pela charneca, penetrante e gélido. O céu escurecera até tornar-se quase negro; devia ser noite então.

— Eu o vi descer por aqui. Perto de uma moita grande de urze. — A voz soava ao longe, desaparecendo gradativamente enquanto discutia com alguém.

Ouviu um ruído baixo junto ao seu ouvido e virou a cabeça para ver o corvo. Estava parado no capim, a uns trinta centímetros de distância, uma mancha de penas pretas agitadas pelo vento, fitando-o com um olho brilhante como uma conta de vidro. Concluindo que ele não representava nenhuma ameaça, o animal virou-se com absoluta tranquilidade e arremeteu o bico grosso e afiado no olho de Jack Randall.

Jamie sobressaltou-se com um grito de repugnância e um alvoroço de movimentos que fez o corvo bater em retirada com um grasnido lancinante de susto.

— Ouviram? Lá embaixo!

Ouviu-se um chapinhar de pés pelo terreno encharcado, um rosto surgiu à sua frente e ele sentiu o toque reconfortante da mão de um homem em seu ombro.

— Ele está vivo! Venha, MacDonald! Dê-me uma ajuda aqui, pois ele não vai conseguir andar por conta própria.

Eram quatro homens e, com uma boa dose de esforço, ergueram-no, seus braços lânguidos em volta dos ombros de Ewan Cameron e Iain Mac-Kinnon.

Queria dizer-lhes que o deixassem ali; o propósito que tinha em mente retornara ao recuperar os sentidos e lembrava-se de que queria morrer. Mas o conforto da companhia dos homens era irresistível. O repouso restaurara a sensibilidade de sua perna e ele percebeu a gravidade do ferimento. Iria morrer logo, de qualquer maneira; graças a Deus que não precisaria ser sozinho, na escuridão.

— Água? — A borda da caneca pressionou seu lábio e ele se ergueu o suficiente para beber, com cuidado para não derramar o líquido. Alguém colocou a mão brevemente em sua testa e retirou-a sem comentários.

Ele ardia em febre; podia sentir as chamas por trás dos olhos ao fechá-los. Seus lábios estavam rachados e doloridos da alta temperatura, mas o calor era melhor do que os calafrios que o assolavam de vez em quando. Ao menos, quando estava com febre, podia ficar deitado quieto; os tremores dos calafrios acordavam os demônios adormecidos em sua perna.

Murtagh. Tinha uma sensação terrível em relação ao seu padrinho, mas nenhuma lembrança que concretizasse esse sentimento. Murtagh estava morto; ele tinha certeza, mas não sabia como ou por quê. A maior parte do exército das Terras Altas estava morta, fora dizimada na charneca — foi o que apreendera da conversa dos homens na casa, mas não se lembrava da batalha.

Já lutara em outros exércitos e sabia que essa amnésia não era incomum entre soldados; já a presenciara antes, embora nunca a tivesse sofrido. Sabia que as lembranças retornariam e esperava estar morto quando isso acontecesse. Remexeu-se em pensamento e o movimento provocou uma dor tão lancinante na perna que o fez gemer.

— Tudo bem, Jamie? — A seu lado, Ewan surgiu apoiando-se sobre um dos cotovelos, o rosto preocupado e pálido à luz do alvorecer. Uma bandagem manchada de sangue circundava sua cabeça e viam-se manchas cor de ferrugem na gola da camisa, deixadas pelo ferimento no couro cabeludo produzido pelo raspão de uma bala.

— Sim, estou bem. — Estendeu a mão e tocou o ombro de Ewan num sinal de gratidão. Ewan bateu de leve em sua mão e voltou a deitar-se.

Os corvos haviam retornado. Negros como a própria noite, foram pernoitar em seus poleiros na escuridão, mas voltaram com a aurora — pássaros de guerra, as aves de rapina vieram se refestelar na carne dos abatidos. Podiam ser seus próprios olhos que os bicos cruéis devoravam, pensou. Podia sentir seus globos oculares sob as pálpebras, redondos e quentes, guloseimas gelatinosas revirando-se incessantemente de um lado para outro, buscando em vão o esquecimento, enquanto o sol nascente transformava suas pálpebras num vermelho sanguíneo e escuro.

Quatro dos homens reuniam-se junto à única janela da casa, conversando à meia-voz.

— Fugir correndo? — perguntou um deles, com um sinal da cabeça indicando o lado de fora. — Santo Deus, homem, os que não morreram mal conseguem se arrastar e pelo menos seis não podem andar de jeito nenhum.

— Vá quem conseguir — respondeu um homem deitado no chão. Fez uma careta em direção à sua própria perna, enrolada no que sobrara de uma coberta esfarrapada. — Não se prendam por nossa causa.

Duncan MacDonald virou-se da janela com um sorriso lúgubre, sacudindo a cabeça. A luz que penetrava pela janela iluminava as superfícies lisas de seu rosto, aprofundando as rugas de fadiga.

— Não, nós vamos aguardar — disse ele. — Para começar, os ingleses estão por toda parte, espalhando-se como a peste; pode-se vê-los pululando da janela. Ninguém conseguiria sair vivo de Drumossie agora.

— Mesmo aqueles que fugiram do campo ontem não irão longe — acrescentou MacKinnon serenamente. — Não ouviu as tropas inglesas passando a noite em marcha rápida? Acha que vão ter dificuldade em caçar nosso bando de estropiados?

Não houve reação; todos conheciam muito bem a resposta. Muitos

dos escoceses mal conseguiam manter-se de pé no campo antes mesmo da batalha, enfraquecidos como estavam pelo frio, pela fadiga e pela fome.

Jamie virou-se para a parede, rezando para que seus homens tivessem partido com suficiente dianteira. Lallybroch era um lugar remoto; se conseguissem se afastar o suficiente de Culloden, era pouco provável que fossem capturados. E, no entanto, Claire dissera-lhe que as tropas de Cumberland iriam saquear as Terras Altas, alcançando os mais longínquos recônditos em sua sede de vingança.

A lembrança de Claire desta vez causou-lhe apenas uma onda de terrível saudade. Meu Deus, tê-la aqui, para tocá-lo, cuidar de seus ferimentos e embalar sua cabeça no colo. Mas ela partira — fora embora para duzentos anos de distância — e graças a Deus que o conseguira! As lágrimas escorreram lentamente por baixo de suas pálpebras cerradas e ele virou-se dolorosamente de lado, para escondê-las dos outros.

*Deus, que ela esteja a salvo, rezou. Ela e a criança.*

Perto do meio-dia, o cheiro de queimado surgiu repentinamente no ar, vindo da janela sem vidros. Era mais forte do que o cheiro de fumaça de pólvora, pungente, com um odor subjacente e aterrorizante, lembrando carne tostada.

— Estão queimando os mortos — disse MacDonald. Ele mal se movera de seu lugar junto à janela durante todo o tempo em que permaneceram na cabana. Ele próprio assemelhava-se à face da morte, os cabelos negros e emplastados de sujeira afastados de um rosto cadavérico.

Aqui e ali, um estalido seco ecoava na charneca. Tiros. Os tiros de misericórdia, administrados por oficiais ingleses que ainda possuíam algum resíduo de compaixão, antes que um miserável envolto em seu tartã fosse amontoado na pira com os companheiros que tiveram melhor sorte. Quando Jamie ergueu os olhos, Duncan MacDonald continuava sentado junto à janela, mas seus olhos estavam fechados.

A seu lado, Ewan Cameron benzeu-se.

— Que possamos encontrar a mesma compaixão — murmurou ele.

...

Encontraram. Passava um pouco do meio-dia do segundo dia quando passos de botas finalmente aproximaram-se da cabana e a porta abriu-se sobre as silenciosas dobradiças de couro.

— Santo Deus! — Foi a exclamação abafada diante da visão do interior da cabana. A corrente de vento que entrou pela porta agitou o ar fétido sobre os corpos imundos, ensanguentados e molhados que jaziam deitados ou sentados, amontoados no chão de terra batida.

Não houvera nenhuma discussão sobre a possibilidade de resistência armada; não tinham forças e não fazia sentido. Os jacobitas apenas ficaram ali, à mercê de seu visitante.

Era um major, saudável e bem-disposto em seu uniforme impecável e botas lustradas. Após um instante de hesitação para inspecionar os ocupantes da cabana, deu um passo para dentro, o tenente logo atrás.

— Sou lorde Melton — disse ele, olhando em torno como se buscasse o líder daqueles homens, a quem suas observações deveriam ser adequadamente dirigidas.

Duncan MacDonald, depois de também lançar um olhar à sua volta, levantou-se lentamente e inclinou a cabeça.

— Duncan MacDonald, de Glen Richie — respondeu. — E os outros — indicou com um gesto amplo —, integrantes das forças de Sua Majestade, o rei James.

— Foi o que imaginei — disse o inglês secamente. Era jovem, tinha trinta e poucos anos, mas sua postura revelava a confiança de um soldado experiente. Olhou deliberadamente para cada um deles, depois enfiou a mão no bolso do casaco e apresentou uma folha de papel dobrada.

— Tenho aqui uma ordem de Sua Excelência, o duque de Cumberland, autorizando a execução imediata de qualquer homem encontrado e que tenha participado da traiçoeira rebelião que acaba de ser debelada. — Olhou ao redor de toda a cabana outra vez. — Há algum homem aqui que alegue inocência da traição?

Ouviu-se um débil arfar de risos dos escoceses. Inocência, com a fumaça negra da batalha ainda em seus rostos, aqui à beira do campo de massacre?

— Não, senhor — disse MacDonald, um leve sorriso nos lábios. — Todos traidores. Seremos enforcados, então?

O rosto de Melton contorceu-se numa ligeira careta de nojo, depois retomou a expressão impassível. Era um homem delgado, de ossos pequenos e delicados, mas, ainda assim, transmitia autoridade.

— Serão fuzilados. Têm uma hora para se prepararem. — disse ele, hesitante, lançando um olhar ao seu tenente, como se receasse parecer generoso demais diante de seu subordinado: — Se algum de vocês quiser deixar material escrito, talvez uma carta, o secretário de minha companhia os atenderá. — Balançou a cabeça rapidamente para MacDonald, girou nos calcanhares e saiu.

Foi uma hora sombria. Alguns aceitaram a oferta de pena e tinta e rabiscaram tenazmente, apoiando o papel contra a chaminé de madeira inclinada por falta de outra superfície firme para escrever. Outros rezaram em silêncio ou simplesmente continuaram sentados, aguardando.

MacDonald suplicara o perdão para Giles McMartin e Frederick Murray, argumentando que eles mal tinham dezessete anos e não deviam ser responsabilizados como os mais velhos. O pedido foi negado e os dois rapazes sentaram-se juntos, pálidos, contra a parede, segurando as mãos um do outro.

Por eles, Jamie sentiu uma profunda pena — e pelos outros ali, amigos leais e bravos soldados. Por si mesmo, sentiu apenas alívio. Nada mais com que se preocupar, nada mais a fazer. Fizera tudo que podia por seus homens, por sua mulher, por seu filho que ainda não nascera. Agora, depois que o sofrimento físico terminasse, ele seria grato pela paz que viria.

Mais por costume do que por necessidade, fechou os olhos e começou o ato de contrição, em francês, como sempre fazia. *Mon Dieu, je regrette...* e, no entanto, não se arrependia; era tarde demais para qualquer tipo de arrependimento.

Encontraria Claire assim que morresse?, perguntou-se. Ou talvez, como esperava, seria condenado à separação por algum tempo? De qualquer forma, ele a veria outra vez; agarrava-se à convicção com muito mais firmeza do que abraçava os dogmas da Igreja. Deus a dera a ele; Ele a traria de volta.

Esquecendo-se de rezar, começou, em vez disso, a evocar o rosto de Claire por trás das pálpebras, a curva da face e da têmpora, a testa larga e alva que sempre o fazia querer beijá-la, bem ali, naquele ponto liso e macio

entre as sobrancelhas, no começo do nariz, entre os claros olhos cor de âmbar. Concentrou sua atenção no formato de sua boca, imaginando cuidadosamente a curva meiga e cheia, e o gosto, a sensação e a pura alegria de seus lábios. Os sons de oração, o ruído arranhado de penas de escrever e os soluços curtos e abafados de Giles McMartin desapareceram de seus ouvidos.

Já era o meio da tarde quando Melton retornou, desta vez acompanhado de seis soldados, bem como do tenente e do secretário. Novamente, parou na soleira da porta, mas MacDonald levantou-se antes que ele pudesse falar.

— Irei primeiro — disse ele, atravessando a cabana destemidamente. Quando abaixou a cabeça para atravessar a porta, no entanto, lorde Melton segurou-o pela manga da camisa.

— Poderia me dar seu nome completo, senhor? Meu secretário fará a anotação.

MacDonald olhou para o secretário, o esboço de um sorriso amargo no canto da boca.

— Uma lista de troféus, hein? Sim, está bem. — Deu de ombros e empertigou-se. — Duncan William MacLeod MacDonald, de Glen Ritchie. — Inclinou-se educadamente para lorde Melton. — A seu serviço... senhor. — Atravessou a porta e logo se ouviu o barulho de um único tiro de pistola disparado à queima-roupa.

Os dois rapazes tiveram permissão de ir juntos, as mãos ainda agarradas quando atravessaram a porta. O resto foi levado um a um, cada qual solicitado a dizer o nome, para que o secretário pudesse fazer o registro. Este sentava-se em um banco junto à porta, a cabeça abaixada para os papéis em seu colo, sem erguer os olhos quando os homens passavam.

Quando chegou a vez de Ewan, Jamie esforçou-se para apoiar-se nos cotovelos e agarrou a mão do amigo com toda a força que conseguiu reunir.

— Logo o verei outra vez — murmurou ele.

A mão de Ewan tremia na sua, mas Cameron apenas sorriu. Em seguida, inclinou-se com simplicidade, beijou a boca de Jamie e levantou-se para sair.

Deixaram para o fim os seis que não podiam caminhar.

— James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser — disse ele, falando devagar para que o secretário tivesse tempo de anotar direito. — Senhor

de Broch Tuarach. — Pacientemente, soletrou as palavras, depois ergueu os olhos para Melton. — Tenho que lhe pedir a gentileza, senhor, de me ajudar a levantar.

Melton não respondeu, mas continuou olhando fixamente para ele, a expressão distante de asco alterando-se para uma mistura de assombro e algo semelhante a um horror crescente.

— Fraser? — indagou ele. — De Broch Tuarach?

— Sim — respondeu Jamie pacientemente. Será que o sujeito não podia se apressar um pouco? Estar resignado a ser fuzilado era uma coisa, mas ouvir seus amigos serem mortos era outra, e não propriamente algo que acalmasse os nervos. Seus braços tremiam com o esforço de soerguê-lo e seus intestinos, não compartilhando a resignação de suas faculdades superiores, contorciam-se com um gorgolejante pavor.

— Puta merda — resmungou o inglês. Inclinou-se e olhou atentamente para Jamie, deitado na sombra da parede, depois se virou e acenou para seu tenente.

— Ajude-me a colocá-lo na luz — ordenou. Não agiram com delicadeza e Jamie grunhiu quando o movimento provocou um lampejo de dor da perna direita até o topo de sua cabeça. Sentiu-se tonto por um instante e não ouviu o que Melton lhe dizia.

— Você é o jacobita que chamam de “Jamie, o Ruivo”? — perguntou outra vez, com impaciência.

Um calafrio de medo percorreu o corpo de Jamie diante da pergunta; se soubessem que ele era o famoso Jamie, o Ruivo, não iriam fuzilá-lo. Eles o prenderiam em correntes e o levariam para Londres, para ser julgado — um troféu de guerra. Depois disso, viria a corda da forca e ficar deitado, parcialmente estrangulado, no cadafalso, enquanto cortavam sua barriga e arrancavam suas entranhas. Seus intestinos emitiram um novo ronco, longo e gorgolejante; também não gostaram da ideia.

— Não — disse ele, com toda a firmeza que conseguiu reunir. — Ande logo com isso, hein?

Ignorando seus protestos, Melton ajoelhou-se e, com um puxão, abriu a gola da camisa de Jamie. Agarrou Jamie pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás.

— Droga! — disse Melton. O dedo de Melton tateou sua garganta, logo acima da clavícula. Havia uma pequena cicatriz triangular ali e isso parecia ser o que estava causando a preocupação de seu interrogador. — James Fraser, de Broch Tuarach; cabelos ruivos e uma cicatriz de três pontas na garganta.

Melton soltou seus cabelos e sentou-se sobre os calcanhares, esfregando o queixo distraidamente. Em seguida, recuperou o autocontrole e voltou-se para o tenente, gesticulando na direção dos cinco homens que permaneciam na cabana.

— Leve o resto — ordenou ele. Suas sobrancelhas louras estavam unidas em profunda concentração. Ficou em pé acima de Jamie, a testa franzida, enquanto os outros prisioneiros escoceses eram removidos.

— Preciso pensar — murmurou ele. — Merda, tenho que pensar!

— Faça isso — disse Jamie —, se puder. Eu mesmo tenho que me deitar. — Haviam-no colocado sentado, escorado na parede oposta, a perna esticada à sua frente, mas sentar-se ereto depois de dois dias deitado era demais para ele; o aposento inclinava-se como se ele estivesse bêbado e pequenos lampejos de luz surgiam incessantemente diante de seus olhos. Inclinou-se para o lado e foi-se deixando escorregar para baixo, abraçando o chão de terra, os olhos fechados enquanto esperava a tontura passar.

Melton resmungava baixinho, mas Jamie não conseguia entender as palavras; não se importava muito, de qualquer forma. Sentado à luz do sol, ele vira sua perna claramente pela primeira vez e tinha absoluta certeza de que não viveria até ser enforcado.

O vermelho-vivo do tecido inflamado espalhava-se do meio da coxa para cima, muito mais vivo do que as manchas de sangue seco remanescentes. O ferimento estava purulento; com o mau cheiro dos demais homens arrefecido, ele podia sentir o leve odor agriado da descarga do tiro. Ainda assim, uma bala rápida na cabeça parecia preferível à dor e ao delírio da morte por infecção. Ouviu o barulho do tiro?, perguntou-se, e foi perdendo a consciência, a terra fria lisa e reconfortante como o peito de uma mãe sob sua face quente.

Não estava realmente dormindo, apenas sendo levado numa sonolência febril, mas a voz de Melton em seu ouvido o fez recobrar a consciência.

— Grey — dizia a voz —, John William Grey! Conhece esse nome?

— Não — disse ele, entorpecido de sono e febre. — Olhe, meu caro, ou me fuzila ou me deixa ir embora, sim? Estou doente.

— Perto de Carryarrick. — A voz de Melton insistia, impaciente. — Um garoto, um garoto louro, de dezesseis anos. Você o encontrou na floresta.

Jamie estreitou os olhos para seu algoz. A febre distorcia sua visão, mas havia alguma coisa vagamente familiar no rosto de traços finos acima dele, com aqueles olhos grandes como os de uma moça.

— Ah — disse ele, fixando-se em um único rosto do fluxo de imagens que rodopiava erratically pelo seu cérebro. — O menino que tentou me matar. Sim, lembro-me dele. — Fechou os olhos outra vez. À maneira estranha da febre, uma sensação parecia se fundir com outra. Ele quebrara o braço de John William Grey; a lembrança do osso delgado do braço do rapaz sob sua mão tornou-se o braço de Claire quando ele a arrancou das garras das pedras. A neblina fria tocou seu rosto com os dedos de Claire.

— Acorde, desgraçado! — Sua cabeça caía de um lado para o outro sobre o pescoço conforme Melton o sacudia com impaciência. — Ouça-me!

Jamie abriu os olhos fatigados.

— Hein?

— John William Grey é meu irmão — disse Melton. — Ele me contou sobre o encontro que tiveram. Você poupou a vida dele e ele lhe fez uma promessa. É verdade?

Com enorme esforço, revirou suas lembranças. Encontrara o garoto dois dias antes da primeira batalha da revolta; a vitória escocesa em Prestonpans. Os seis meses decorridos até agora pareciam um enorme abismo; tanta coisa acontecera desde então.

— Sim, lembro-me. Ele prometeu me matar. Mas não me importo se você fizer isso por ele. — Suas pálpebras fechavam-se novamente. Tinha que estar acordado para ser fuzilado?

— Ele disse que tinha uma dívida de honra para com você, e tem. — Melton levantou-se, limpando os joelhos das calças, e virou-se para seu tenente, que observava o interrogatório com grande perplexidade.

— É uma situação infernal, Wallace. Este... este maldito jacobita é fa-

moso. Já ouviu falar de Jamie, o Ruivo? Aquele dos cartazes? — O tenente balançou a cabeça, olhando com curiosidade para a forma imunda na terra a seus pés. Melton sorriu amargamente.

— Não, ele não parece tão perigoso agora, não é? Mas continua sendo Jamie Fraser, o Ruivo, e Sua Excelência ficaria mais do que satisfeita ao saber da existência de tão ilustre prisioneiro. Ainda não encontraram Charles Stuart, mas alguns jacobitas famosos contentariam igualmente a turba na Torre de Londres.

— Devo enviar uma mensagem a Sua Excelência? — O tenente estendeu a mão para sua caixa de mensagens.

— Não! — Melton girou nos calcanhares para fitar intensamente o prisioneiro. — Esta é a dificuldade! Além de ser uma excelente isca para a forca, este miserável imundo também é o homem que capturou meu irmão mais novo perto de Preston. Em vez de matar o moleque com um tiro, que era o que ele merecia, este sujeito poupou sua vida e devolveu-o a seus companheiros — disse entre dentes. — Assim, fez minha família contrair uma maldita dívida de honra!

— Santo Deus! — disse o tenente. — Então não pode entregá-lo à Sua Excelência.

— Não, maldito! Não posso nem mesmo atirar no desgraçado sem desonrar a palavra de meu irmão!

O prisioneiro abriu um dos olhos.

— Não contarei a ninguém se não o fizer — sugeriu e prontamente fechou-o outra vez.

— Cale-se! — Perdendo completamente a paciência, Melton chutou o prisioneiro, que gemeu com o impacto, mas não disse mais nada.

— Talvez possamos matá-lo sob um nome falso — sugeriu o tenente prestativamente.

Lorde Melton lançou um olhar de profundo desprezo a seu assistente, depois olhou pela janela para calcular a hora.

— Anoitecerá dentro de três horas. Vou supervisionar o sepultamento dos outros prisioneiros executados. Encontre uma carroça pequena e mande enchê-la de feno. Encontre um condutor... escolha alguém discreto, e isso significa subornável, Wallace... e mande-os para longe daqui assim que escurecer.

— Sim, senhor. E o prisioneiro, senhor? — O tenente indicou timidamente o corpo no chão.

— O que tem ele? — perguntou Melton bruscamente. — Ele está fraco demais para rastejar, quanto mais andar. Ele não irá a lugar algum, ao menos não até a carroça chegar aqui.

— Carroça? — O prisioneiro dava sinais de vida. De fato, sob o estímulo da agitação, ele conseguira erguer-se sobre um dos braços. Os olhos azuis injetados brilharam, arregalados de susto, sob as mechas de cabelos ruivos emaranhados. — Para onde está me mandando? — Virando-se da porta, Melton lançou-lhe um olhar de intensa antipatia.

— Você é o senhor de Broch Tuarach, não é? Bem, é para lá que o estou enviando.

— Não quero ir pra casa! Quero ser fuzilado!

Os ingleses trocaram um olhar.

— Está delirando — disse o tenente de modo significativo, e Melton balançou a cabeça, concordando.

— Duvido que ele sobreviva à viagem, mas pelo menos sua morte não ficará na minha consciência.

A porta fechou-se com firmeza atrás dos ingleses, deixando Jamie Fraser inteiramente sozinho — e ainda vivo.

## A BUSCA COMEÇA

*INVERNESS**2 DE MAIO DE 1968*

— **É** claro que ele está morto! — A voz de Claire estava aguda devido ao nervosismo; ressoou estridente no gabinete parcialmente vazio, ecoando entre as estantes de livros remexidas. Ficou parada contra a parede forrada de cortiça, como uma prisioneira aguardando o pelotão de fuzilamento, olhando de sua filha para Roger Wakefield e de novo para sua filha.

— Creio que não.

Roger sentia-se terrivelmente cansado. Esfregou a mão no rosto, depois pegou a pasta de arquivo da escrivainha; a que continha toda a pesquisa que fizera desde que Claire e a filha o procuraram e pediram sua ajuda, havia três semanas.

Abriu a pasta e folheou o conteúdo devagar. Os jacobitas de Culloden. A Revolta de 1745. Os bravos escoceses que se reuniram sob o estandarte do príncipe Charles Stuart e atravessaram a Escócia como uma espada em chamas — apenas para se deparar com a derrota e a ruína ao enfrentar o duque de Cumberland na charneca cinzenta de Culloden.

— Tome — disse ele, arrancando várias folhas grampeadas. A escrita arcaica parecia estranha, reproduzida no preto intenso de uma fotocópia.

— Esta é a lista de chamada do regimento do senhor de Lovat.

Estendeu bruscamente o fino maço de folhas a Claire, mas foi sua filha, Brianna, que tomou o documento das mãos dele e começou a virar as páginas, as sobranceiras ruivas levemente franzidas.

— Leia a página inicial — disse Roger. — Onde se lê “Oficiais”.

— Está bem. Oficiais — leu em voz alta. — Simon, senhor de Lovat...

— A Jovem Raposa — interrompeu Roger. — O filho de Lovat. E mais cinco nomes, certo?

Brianna ergueu uma das sobranceiras para ele, mas continuou a leitura.

— William Chisholm Fraser, tenente; George D’Amerd Fraser Shaw, capitão; Duncan Joseph Fraser, tenente; Bayard Murray Fraser, major...

— Ela parou, engoliu em seco, antes de ler o último nome: — ... James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser, capitão. — Abaixou os papéis, um pouco pálida. — Meu pai.

Claire aproximou-se rapidamente da filha, apertando o braço da jovem. Ela também estava pálida.

— Sim — disse ela a Roger. — Sei que ele foi a Culloden. Quando me deixou... lá no círculo de pedras... ele pretendia voltar, para resgatar seus homens que estavam com Charles Stuart. E sabemos que o fez — Com um movimento da cabeça, indicou a pasta sobre a escrivaninha, a superfície de papel manilha vazia e inocente à luz do abajur —, você encontrou seus nomes. Mas... mas... Jamie... — Pronunciar seu nome em voz alta parecia devastá-la e ela cerrou os lábios com força.

Foi a vez de Brianna apoiar sua mãe.

— Ele pretendia voltar, você disse. — Seus olhos, azul-escuros e encorajadores, fitavam intensamente o rosto de sua mãe. — Ele pretendia tirar seus homens do campo e depois voltar para a batalha.

Claire balançou a cabeça, recobrando-se ligeiramente.

— Ele sabia que não tinha muita chance de escapar; se os ingleses o pegassem... ele disse que preferia morrer em combate. É o que pretendia fazer. — Voltou-se para Roger, o olhar de uma desconcertante cor de âmbar. Seus olhos sempre o faziam lembrar dos olhos de um falcão, como se ela pudesse ver muito mais longe do que a maioria das pessoas. — Não posso acreditar que ele não tenha morrido lá... tantos homens morreram e ele pretendia fazer isso!

Quase metade do exército das Terras Altas morrera em Culloden, derrubado numa rajada de tiros de canhão e de fuzilaria. Mas não James Fraser.

— Não — disse Roger com teimosia. — Aquele trecho que eu li para você do livro de Linklater. — Pegou o livro, um volume branco, intitulado *O príncipe no urzal*. — *Após a batalha* — leu ele —, *dezoito oficiais jacobitas feridos refugiaram-se em uma cabana próxima à charneca. Ali ficaram sofrendo, os ferimentos sem tratamento, por dois dias. Ao cabo desse tempo, foram levados para fora e fuzilados. Um dos homens, um Fraser do regimento do senhor de Lovat, escapou do massacre. Os demais estão enterados no terreno da casa, junto ao bosque*. Viu? — disse ele, abaixando o livro e olhando ansiosamente para as duas mulheres por cima das páginas. — Um oficial do regimento do senhor de Lovat. — Agarrou as folhas da lista de chamada. — E aqui estão eles! Apenas seis deles. Bem, o homem na cabana não pode ter sido o Jovem Simon; ele é uma figura histórica conhecida e sabemos muito bem o que aconteceu a ele. Ele retirou-se do campo, sem estar ferido, veja bem, com um grupo de seus homens e foi abrindo caminho para o norte, até chegar ao castelo Beaufort, perto daqui. — Acenou vagamente na direção da enorme janela, através da qual as luzes noturnas de Inverness cintilavam debilmente. — Nem o homem que escapou da casa da fazenda Leanach foi nenhum dos outros quatro oficiais, William, George, Duncan ou Bayard — disse Roger. — Por quê? — Agarrou com violência outro documento da pasta e brandiu-o, quase triunfalmente. — Porque eles morreram em Culloden! Todos os quatro foram mortos em combate, eu encontrei seus nomes listados numa placa na igreja em Beaully.

Claire soltou um longo suspiro, depois se deixou arriar na velha cadeira giratória de couro atrás da escrivaninha.

— Jesus H. Cristo! — exclamou, proferindo sua expressão favorita. Fechou os olhos e inclinou-se para a frente, os cotovelos sobre a escrivaninha e a cabeça apoiada nas mãos, com os cabelos castanhos, cheios e encaracolados, derramando-se pelas laterais de seu rosto. Brianna colocou a mão no ombro de Claire, o rosto transtornado ao inclinar-se sobre a mãe. Era uma jovem alta, de compleição forte e elegante, e seus longos cabelos ruivos brilhavam à luz cálida do abajur da escrivaninha.

— Se ele não morreu... — começou ela.

Claire ergueu a cabeça bruscamente.

— Mas ele está morto! — disse ela. Seu rosto estava atormentado e viam-se pequenas rugas ao redor dos olhos. — Pelo amor de Deus, são duzentos anos; quer ele tenha morrido em Culloden ou não, ele está morto agora!

Brianna recuou diante da veemência da mãe e baixou a cabeça, fazendo os cabelos ruivos — os cabelos ruivos do pai — cobrirem seu rosto.

— Creio que sim — murmurou ela.

Roger pôde ver que ela lutava para conter as lágrimas. Não era de admirar, pensou. Descobrir num curto espaço de tempo que o homem a quem amara e chamara de pai durante toda a vida não era seu pai; segundo, que seu verdadeiro pai era um escocês das Terras Altas que vivera há duzentos anos; e terceiro, descobrir que ele provavelmente morrera de alguma maneira terrível, longe da mulher e da filha por quem ele se sacrificara para salvar... era o suficiente para deixar qualquer um abalado.

Aproximou-se de Brianna e tocou em seu braço. Ela lançou-lhe um olhar breve e distraído, e tentou sorrir. Ele a abraçou, sentindo, mesmo na compaixão por seu infortúnio, o quanto era bom aquele toque, ao mesmo tempo macio, quente e vivo.

Claire permanecia sentada à escrivaninha, imóvel. Os olhos amarelos de falcão haviam adquirido uma cor mais suave agora, perdidos em lembranças. Pousaram, sem enxergar, na parede leste do gabinete, ainda recoberta do chão ao teto com os bilhetes, anotações e lembranças deixados pelo reverendo Wakefield, o falecido pai adotivo de Roger.

Olhando, ele mesmo, para a parede, Roger viu o aviso da reunião anual enviado pela Sociedade da Rosa Branca — aquelas almas entusiásticas, excêntricas, que ainda defendiam a causa da independência da Escócia, reunindo-se num tributo nostálgico a Charles Stuart e aos heróis das Terras Altas que o seguiram.

Roger pigarreou levemente.

— Há... se Jamie Fraser não morreu em Culloden... — disse ele.

— Então, provavelmente, morreu logo depois. — Os olhos de Claire encontraram-se com os de Roger, diretamente, o olhar frio de volta às profundezas castanho-amareladas. — Você não faz a menor ideia de

como era — disse ela. — Houve um período de fome nas Terras Altas... nenhum dos homens comia há dias antes da batalha. Ele estava ferido, isso nós sabemos. Ainda que tivesse escapado, não haveria ninguém... para cuidar dele.

Sua voz fraquejou levemente; ela era uma médica agora, fora uma curandeira já naquela época, há vinte anos, quando atravessara um círculo sagrado de pedras e encontrara o destino com James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser.

Roger tinha consciência de quem eram as duas mulheres; a jovem alta, trêmula, que tinha nos braços, e a mulher sentada à escrivadinha, tão quieta, tão serena. Ela viajara através das pedras, através do tempo; suspeita de ser uma espã, presa como bruxa, arrancada por um imaginável capricho das circunstâncias dos braços de seu primeiro marido, Frank Randall. Três anos mais tarde, seu segundo marido, James Fraser, a enviara de volta através das pedras, grávida, num esforço desesperado para salvar a vida dela e a da sua filha ainda por nascer do desastre iminente que logo o engolfaria.

Sem dúvida, pensou consigo mesmo, ela já sofreu o suficiente. Mas Roger era um historiador. Possuía uma curiosidade amoral, insaciável, poderosa demais para ser contida pela simples compaixão. Mais do que isso, estranhamente, também tinha consciência de quem era Jamie Fraser, a terceira figura na tragédia familiar em que se vira envolvido.

— Se ele não morreu em Culloden — repetiu ele, com mais firmeza —, então talvez eu possa descobrir o que realmente aconteceu. Quer que eu tente? — Esperou, a respiração presa, sentindo o hálito quente de Brianna atravessar sua camisa.

Jamie Fraser tivera uma vida e uma morte. Roger sentia obscuramente que era seu dever descobrir toda a verdade; que as mulheres de Jamie Fraser mereciam saber tudo que pudesse conseguir sobre ele. Para Brianna, esse conhecimento poderia ser a única informação que teria do pai que nunca conhecera. E para Claire... — Por trás da pergunta que ele fizera estava a ideia que ainda não a havia atingido completamente, abalada como estava: ela já atravessara a barreira do tempo duas vezes antes. Podia, provavelmente, fazê-lo outra vez. E se Jamie Fraser não tivesse morrido em Culloden...

Ele viu a consciência dessa possibilidade tremeluzir nos olhos de âmbar anuviados quando o pensamento lhe ocorreu. Ela era normalmente pálida; agora, seu rosto ficou lívido, branco como o cabo de marfim do abridor de cartas diante dela na escrivaninha. Seus dedos fecharam-se em torno do objeto com tanta força que os nós dos dedos projetaram-se de forma visível.

Ela permaneceu calada por um longo tempo. Seu olhar fixou-se em Brianna e deteve-se ali por um instante, retornando em seguida ao rosto de Roger.

— Sim — disse ela, num sussurro tão baixo que ele mal podia ouvi-la.  
— Sim. Descubra para mim. Por favor, descubra.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)